

FREIRE, Paulo. (1979). **Conscientização**. 1. ed. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979

Diego Taffarel da Silva Ribeiro¹

O livro *Conscientização*, de Paulo Freire, foi originalmente escrito em 1979, contendo 48 páginas, e em sua 1ª edição foi publicado pela editora Cortez e Moraes. O mesmo apresenta as reflexões do autor em três capítulos, sendo divididos em: O homem e sua experiência, Alfabetização e Conscientização e, Práxis da Libertação. Além disso, a obra conta com uma apresentação de S.M Cecílio de Lora e um prólogo produzido pelo Instituto Oecuménique au Service du Développement des Peuples (INODEP).

Os referidos capítulos fazem uma viagem acerca do pensamento de Paulo Freire no que tange ao método de alfabetização iniciado em 1961 perante os camponeses, além de abordar a necessidade de se atentar para o contexto social, incentivar o diálogo, a crítica e a conscientização mediante a questão da opressão ocasionada pelas elites em face dos humildes nos processos educativos.

O capítulo “O homem e sua experiência”, apresenta a figura do autor e pensador, apresentando suas origens, desde a importância de seus pais na sua formação até as suas experiências profissionais e pessoais que culminaram no desenvolvimento dos seus estudos e trabalhos relacionados à educação popular. Além disso, apresenta as facetas da ditadura militar que o levaram a prisão e ao exílio em 1964, fazendo com que seus trabalhos fossem obrigatoriamente interrompidos.

¹ Possui graduação em Direito pela Faculdade Talentos Humanos (2016). Pós Graduado em Direito Processual Civil pela faculdade Anhanguera (2018) Pós Graduado em Direito Público pela Faculdade Legale. Pós Graduado em Docência Acadêmica pela Faculdade Dom Alberto. Pós Graduado em Direito Previdenciário pela Faculdade Legal e .Mestrando em Educação Tecnológica pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), sob orientação do Professor Adriano Eurípedes. Procurador do Tribunal de Justiça Desportiva de Uberaba/MGEx- Colunista de Direito no Jornal da Cidade (JC Uberaba) Ex-Articulista do Jornal da Manhã Ex- Coordenador Regional do Triângulo Mineiro da Associação da Jovem Advocacia de Minas Gerais Ex- Diretor Executivo da Associação da Jovem Advocacia de Minas Gerais Ex- Presidente da Associação da Jovem Advocacia de Minas Gerais Sócio-Proprietário do Escritório Sousa, Ribeiro Paiva Advocacia Professor de Direito da Academia Preparatória para Concursos Professor de Direito da Inovar Ensino Superior Professor de módulos de Direito Previdenciário na Unibrasília Campos I - Uberaba/MGEx- tesoureiro e membro do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM) núcleo Uberaba/MGEx- Superintendente Jurídico do Uberaba Sport Club. Atual Presidente da Comissão Direito na Escola pela OAB/Uberaba. Atual conselheiro Subseccional da OAB/Uberaba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9062007582387225> Email: diego.taffarel@estudante.iftm.edu.br

Ainda no primeiro capítulo, o autor contextualiza as experiências vividas em seu trabalho frente ao Movimento de Educação Popular (MEP), que originou no Brasil em 1962 pela região do Nordeste que possuía até então uma vasta camada de cidadãos analfabetos, sendo 15 milhões dentre 25 milhões de pessoas. O autor relata que o movimento conseguiu alfabetizar 300 trabalhadores em 45 dias, causando um grande impacto no âmbito da opinião pública, atraindo inclusive os olhares do atual governo que conseqüentemente passou a adotar a aplicação do método pelo restante do país.

Todavia, o impacto que a alfabetização traria ao processo eleitoral daquele período, causou um enorme desconforto na camada conservadora da sociedade brasileira, haja vista que a mesma passou a temer as conseqüências do aumento da participação popular através do voto e como as relações de poder seriam afetadas a partir de então.

Contudo, Paulo Freire descreve que enquanto o Brasil passava a enxergar o seu trabalho com tons de ameaça ao poder daqueles que governavam, o mesmo método foi implementado pelo governo chileno com grande entusiasmo passando a integrar todos os programas de alfabetização, alavancando sua classificação como umas das cinco nações com melhores índices de superação do analfabetismo, segundo apontado na época pela UNESCO.

O capítulo, “Alfabetização e Conscientização”, é marcado por uma explicação em torno do tema central do livro, com uma abordagem sobre a educação como prática de liberdade, sendo este, preceito fundamental para a conscientização. Freire, trata a conscientização como olhar crítico capaz de transformar e libertar a sociedade, haja vista que seus conceitos são baseados na reflexão social e no contexto no qual o homem está inserido.

A conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a desmitologização. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar conscientização para a libertação: como desmitologizar, se eu oprimo? Ao contrário, porque sou opressor, tenho a tendência a mistificar a realidade que se dá à captação dos oprimidos, para os quais a captação é feita de maneira mística e não crítica. O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmistificação. Por isso mesmo a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a “desvela” para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante. (FREIRE, 1979, p. 16-17).

Porém, o autor ao explicar que a utopia é capaz de desenvolver a criticidade, ressalta que é preciso, todavia, que o homem se mantenha ativo na história, pois, para que a sociedade se transforme é preciso aliar o senso crítico com o comprometimento de se engajar nas mudanças sociais. Diante desta perspectiva, Paulo Freire apresenta aquilo que denomina “Ideias Força”, que nada mais são do que premissas envoltas ao método que na sua visão era o mais adequado e mais preparado no âmbito educacional.

A primeira premissa, é a de que tudo se inicia através da iniciativa do homem em refletir e analisar as condições e o meio em que vive de modo a se conscientizar e querer buscar a mudança de sua própria realidade. Como segunda premissa, afirma que a nossa consciência vai mudando de patamar ou a partir do momento em que refletimos sobre a realidade, intervindo em prol das mudanças necessárias.

As demais premissas se fecham com a ideia de que o homem é temporal e criador da cultura e que diante disso, passa a ser responsável pela transformação da história, por conta da sua capacidade de propositura de ações mutáveis no decorrer das épocas em que vive. Ao abordar sobre o processo metodológico, Paulo Freire divide o método em cinco fases desde a elaboração até a aplicação, de modo a buscar maior eficácia no processo de alfabetização.

A primeira, tem como objetivo identificar palavras e expressões popularmente utilizadas nos grupos, e deste modo, compreendê-las dentro de suas experiências e emoções. Esta fase é conhecida como “descoberta do universo vocabular”. Em seguida, já na segunda fase, as palavras identificadas são separadas de acordo com os critérios de natureza silábica, fonética e significado.

A terceira fase é a da conscientização do grupo a partir de desafios e debates. A quarta e quinta fase partem para o processo de criação de fichas com as respectivas famílias fonéticas das palavras separadas anteriormente. Tal processo permite que as pessoas não aprendam de uma maneira “mecânica” e sim consciente.

O capítulo, “Práxis da Libertação”, o autor trata da questão da opressão, explicando a relação de dependência dos oprimidos com os opressores, o que causa enorme dificuldade aos menos favorecidos que buscam a liberdade, porém, são coagidos devido a “superioridade” de alguns em detrimento de outros. Para tanto, Freire fecha sua obra acreditando que a educação deve ter o viés de libertação, e que a conscientização humana afasta o estado de alienação dos homens e garante que estes passem a se movimentar e buscar a mudança através do esforço intelectual e

cultural.

Por fim, o livro é indicado a todos aqueles que buscam reflexões através do pensamento sobre a importância de uma educação moderna, dinâmica e democrática, capaz de levar conhecimento a todas as classes.